



## **Maria, mulher fiel e perseverante**

*D. António Couto, Bispo de Lamego  
e Delegado da CEP para a Vida Consagrada*

1. Do coração da comunicação anterior ressaltava o dizer central de Jesus aos seus discípulos, todos ainda – Jesus e os seus discípulos – reclinados na intimidade da mesa: «Permanecei no meu amor» (João 15,9). E Jesus explicitava logo que se permanecia no seu amor, guardando os seus mandamentos, e ia ainda mais longe, apresentando esta forma de vida nova como uma réplica do seu próprio modo de viver em comunhão com o Pai, assim formulado por Jesus: «Como Eu guardo os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor» (João 15,10).

2. Permanecer no amor de Jesus e assim entrar e permanecer na torrente do amor que é Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, é o coração da Vida Consagrada. Mas não se trata, da parte do Consagrado, de qualquer espécie de *redamatio*, de amar para trás, de tentar restituir ou devolver a Deus o amor que lhe é devido. Trata-se, antes, de amar *como* Deus ama, primeiro e gratuitamente, sem procurar a satisfação de qualquer desejo, proveito ou lucro. É por isso que, ao longo do AT, de forma exemplar, Deus aparece a amar e a mandar amar o pobre, a viúva, o órfão, o estrangeiro (que não é um *alter ego*, mas é o outro diferente de mim), e, no NT, Jesus ama e manda amar os inimigos (que são os outros contra mim), inclusive os que o querem matar e o matam, e é por todos, não só pelos amigos, que dá a sua vida! O

que significa, em primeiro lugar, que a razão deste amor reside em Deus (Jesus) que ama, reside em quem ama, e não em quem é amado<sup>1</sup>.

3. Há, portanto, por detrás de cada Consagrado uma torrente de amor novo, primeiro, gratuito, paradoxal, de onde dimana um mandamento novo, que consiste em amar os outros da mesma forma (*como*) que Jesus (Deus) nos ama a nós (João 15,12.17).

4. Comentando a conceção do amor presente nos textos paulinos, Roger Mohrlang regista, com espanto, que quando Paulo fala de amor, nunca se refere ao amor do homem por Deus, mas sempre ao amor de Deus pelo homem e do homem pelo seu próximo. Mohrlang refere mesmo que «constitui um mistério o facto de Paulo falar tão pouco do amor a Deus e não trate dele de nenhuma maneira»<sup>2</sup>. É verdade que Mohrlang está cheio de razão quando constata que Paulo nunca cita o primeiro mandamento de amar a Deus «com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças» (Deuterónimo 6,5), e que, nos seus textos, apareça como prioritário por parte do cristão, não o amor a Deus ou a Cristo, mas o amor ao próximo. Já não assistirá a Mohrlang tanta razão ao considerar “estranho” e mesmo “um mistério” tal procedimento, pois é sabido que a própria Bíblia Hebraica, na qual Paulo está profundamente enraizado, fala mais do amor ao próximo (e ao estrangeiro!) do que do amor a Deus. E, quando fala do amor a Deus, como na passagem do Deuterónimo acima referida, vê-se bem que não se trata do amor como *desejo* a satisfazer, que é, para o pensamento grego, o único amor possível<sup>3</sup>, mas do amor como obediência ou mandamento<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Carmine DI SANTE, *Fiducia, speranza, amore*, Magnano, Qiqajon, 2015, p. 23.

<sup>2</sup> Roger MOHRLANG, *Amore*, in G. F. HAWTHORNE, R. P. MARTIN, D. G. REID, R. PENNA (eds.), *Dizionario di Paolo e delle sue lettere*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 2.<sup>a</sup> ed., 2000, p. 49-50.

<sup>3</sup> Carmine DI SANTE, *Fiducia, speranza, amore*, p. 39.

<sup>4</sup> Carmine DI SANTE, *Fiducia, speranza, amore*, p. 57-59.

5. Portanto, no andamento bíblico, o amor não é fruto de um desejo, mas é um «amor mandado», obediência a um mandamento no quadro da aliança entre Deus e o seu povo. E é assim que não se estranhará que, na vizinhança do Deus bíblico, circulem as palavras-chave da aliança, como a Verdade-Fidelidade, a Justiça, a Retidão e a Bondade. Na oração dos Salmos, estas “entidades” aparecem como a garantia da relação entre Deus e os homens, e tanto surgem na esfera celeste, como intervêm na terra. A Palavra faz a ponte entre os dois mundos, descendo e subindo (Salmo 85,11-12; 107,20). Só mais tarde se falará de um «Anjo da aliança» (Malaquias 3,1), não deixando de ser curioso notar o paralelismo entre Juízes 2,1-5 e Juízes 6,7-10, dois discursos de aliança, o primeiro assegurado por um Anjo e o segundo por um profeta<sup>5</sup>.

6. É neste contexto que o Anjo Gabriel saúda e traz a Maria o anúncio do nascimento do Filho de Deus para o qual é requerida a mediação da maternidade de Maria (Lucas 1,28-33). Maria apresenta uma objeção, mostrando que a maternidade estava fora dos seus desejos (Lucas 1,34), mas mostra-se pronta para obedecer aos desígnios de Deus (Lucas 1,38). E assim o amor de Deus fixa residência em Maria. A partir deste SIM, o andamento bíblico mostra Maria em total fidelidade até à Cruz e ao princípio da Igreja nascente (Atos dos Apóstolos 1,12-14). Parafraseando Pascal, nos seus Pensamentos 243 e 244, mas retirando a sua ironia, Maria e os Consagrados não são a prova de Deus, mas, com a sua fidelidade perseverante, louvam-no, aclamam-no e cantam-no<sup>6</sup>. E, como costuma Jesus dizer no final de algumas das suas parábolas, «quem tiver ouvidos para ouvir, oiça!».

---

<sup>5</sup> Paul BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. I. Essai de lecture*, Paris, Seuil, 1977 (nova edição, 2000), p. 115.

<sup>6</sup> Paul BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 111.